



# V Fórum Social Mundial (2005)

## Algumas oficinas/seminários

Abaixo seguem alguns relatos de algumas das oficinas e seminários relacionados à Economia Solidária ocorridos durante o V Fórum Social Mundial (2005 em Porto Alegre/RS). Deve-se ressaltar que são apenas relatos parciais, sem consulta aos palestrantes, portanto podem ser encontrados equívocos e inconsistências. A intenção do material é tão-somente resgatar um pouco da memória destas atividades ocorridas. Para um documento mais consolidados, recomendamos a leitura do documento internacional de confluência das atividades de Economia Solidária no FSM2005, disponível à página do FBES ([www.fbes.org.br](http://www.fbes.org.br))

## Índice

1. Tecnologia: Qualidade do Produto, do Trabalho e da Vida.....	1
2. Os desafios dos processos de Educação Popular em empreendimentos de Economia Solidária.....	2
3. Finanças Solidárias o Fundo e os Programas MDS/SENAES.MTE/C.E.F.....	3
4. Redes e cadeias de produção, comercialização e consumo.....	5
5. Oficina da cadeia do algodão.....	9
6. Movimentos Sociais e Economia Solidária - Segmentos protagonistas na construção da ES.....	10
7. Mulheres da Economia Solidária e novas tecnologias da informação e comunicação.....	12
8. ECONOMIA SOLIDÁRIA E ESTADO: Radicalização da Democracia (Marco Legal, Gestão e Controle Social).....	15

## 1. TECNOLOGIA: QUALIDADE DO PRODUTO, DO TRABALHO E DA VIDA

**DATA: 29 de janeiro de 2005**

Foram organizados quatro grupos de debate: Relação com o Estado – Desafios, Articulação do Trabalho em Rede, Divulgação, Desenvolvimento da Economia Solidária como Alternativa Política.

## **GRUPO 1 – Relação com o Estado – Desafios**

- Formação em sócio economia solidária, inclusão nos currículos escolares;
- Informação e divulgação em massa dos princípios da Economia solidária nos meios de comunicação;
- Conscientização sobre o consumo consciente;
- Consumo consciente coletivo;
- Articular redes e parcerias;

## **GRUPO 2 – Articulação do Trabalho em Rede**

- A articulação existe quando a meta é um processo onde cada um está em um estágio;
- Importante: As capacitações deveriam vir acompanhadas por crédito solidário;
- É fundamental os empreendimentos solidários se articularem entre si e politicamente;
- É fundamental que os empreendimentos solidários sempre revejam os princípios que norteiam os seus trabalhos.

## **GRUPO 3 – Divulgação**

- Que a informação circule;
- Desenvolvimento do espaço de dialogo entre as entidades locais – criar espaço de dialogo;
- Diversidade social/cultural;
- Desorganização da comunidade, cada entidade cuida de seus interesses;
- Utilizar a comunicação local (rádios);
- Mudanças no processo de formação de lideranças.

## **GRUPO 4 - Desenvolvimento da Economia Solidária como Alternativa Política**

- Redes de trocas e subsídios;
- Através do conhecimento se cria autonomia;
- Articular redes e parcerias;
- Necessário assistência técnica;
- Insegurança das entidades que discutem economia solidária

## **2. OS DESAFIOS DOS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO POPULAR EM EMPREENDIMENTOS DE ECONOMIA SOLIDÁRIA**

---

Relatoria – Edna Maria paro – ACRE

ADITEP – Associação Difusora de Treinamentos e Projetos Pedagógicos em Educação Popular, fez 32 anos em dezembro. O professor Paulo Freire começou o trabalho desta associação em 1979. na década de 90 realizou o projeto Educação para Todos. O programa geração de renda com vida sustentável da Economia solidária é o seu carro chefe, principalmente com relação a gênero.

Direitos das pessoas – cidadania – direitos à vida, à saúde. Na questão do emprego tem que produzir para sobreviver, a mulher tem que ser pai e mãe. O trabalho da ADITEP é sempre ensinar a pescar, e nunca dar o peixe. Se a metade das mulheres pensassem em mover e mudar o mundo, a cidadania seria outra.

## **DEBATES:**

### **Maria José – Cidadania Participativa de Curitiba**

Precisamos fazer escola de liderança e descobrir a importância de ouvir o outro. Geração de renda e cidadania têm que caminhar juntas. Trabalhar o despertar das pessoas. Problemas da comunidade só muda de endereço, são todos iguais. A presença das pessoas é importante. A conquista muitas vezes é lenta mas ele chega.

### **Creuma**

Precisamos trabalhar muito a auto-estima. A mulher que diz que não sabe fazer nada é porque não se valoriza. Educadora popular é aquela que vai de casa em casa para saber o que está acontecendo, para ensinar e informar o que pode ser feito quanto à socialização das pessoas para a saúde, empreendedorismo, etc. A geração de renda com vida sustentável vai além de criar programa de geração de renda. Temos necessidade de construir setor para empreendimento popular solidário, que hoje é 30% do PIB (Produto Interno Bruto). Esse conseguiria abarcar o mundo rural e o mundo urbano.

### **Wilson Roberto – Instituto Marista de solidariedade**

Temos expectativa de conseguir recursos públicos para a Economia solidária através de entidades junto ao governo Federal. O instituto Marista de solidariedade é uma instituição filantrópica que transforma 20% de recursos que seria para impostos em obras sociais, uma parte é destinada para a Economia solidária. No início do ano vai fazer avaliação dos projetos, prioriza projetos que têm perspectiva da transformação da sociedade, destinados a crianças e adolescentes. Tem também um programa de bolsas de estudo. Estamos promovendo uma mudança de concepção no sentido de uma proposta diferenciada para a Economia Solidária, criada para atender quatro grandes demandas:

- Fortalecimento da rede de economia solidária de maneira geral;
- Incubadora de maneira autônoma – poucos grupos conseguem sobreviver
- Seminários e oficinas para conceituar a economia solidária que exige conceitos e uma linguagem comum;
- Geração de renda

## **3. FINANÇAS SOLIDÁRIAS O FUNDO E OS PROGRAMAS MDS/SENAES.MTE/C.E.F**

---

*MESA:* Haroldo (SENAES), Domingos (FBES), Bannedi – David (cooperativa de Crédito dos Bancários de SP)

### **Haroldo (SENAES)**

No mundo todo se propaga a idéia do micro-crédito, 2005 é o ano do micro-crédito. Mas ele não consegue abarcar todas as necessidades. Devemos pensar outras concepção de finanças, conceito de finanças solidárias, o crédito não pode estar descontextualizado. No micro-crédito o agente de crédito pode ajudar a discutir as melhores estratégias para o empreendimento que quer começar. As finanças ainda são uma questão de meio, a ação final é se voltar para os empreendimentos. O FBES na sua plataforma, em dialogo com a SENAES estabeleceu que o prioritário é criar o fundo nacional da Economia Solidária, financiamento aos empreendimentos da Economia solidária.

A SENAES desenvolveu três grandes ações e constatamos que a burocracia dificulta a captação de recursos. No Ministério do Trabalho tem um conjunto de programas de financiamento a associações e cooperativas. A primeira conclusão é que existem programas voltados para o financiamento de empreendimentos de Economia Solidária, a dificuldade é de acesso a este recurso. Os empreendimentos precisam de capital de giro. Percebemos que o estado construiu um sistema financeiro para responder ao sistema capitalista, para garantir empreendimentos capitalistas de médio e grande porte. O estado cria programa de geração de renda que na maioria das vezes sobrevive a um mandato. O grande desafio para a SENAES é construir um sistema de finanças populares e solidárias voltado para os empreendimentos que são 60% do PIB. Importante fortalecer as OSCIP's de micro-crédito, fundos rotativos, bancos do povo, conjunto de instituições financeiras populares e solidárias. No Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, o Ministério do Desenvolvimento social – MDS e o Ministério do Trabalho – TEM existe um conjunto de programas

que estão voltados para o fortalecimento de empreendimentos de pequeno porte, mas separados, sem uma visão integradora voltada para empreendimentos de pequeno porte. As fontes estão garantidas. Companheiros no ano internacional do micro-crédito é importante fortalecer as experiências que estão em curso.

## **Wilson (Instituto Marista de Solidariedade)**

Os recursos públicos em Economia Solidária a nível de governo federal o recurso passa para entidades que já tem experiência em Economia Solidária. O Instituto Marista é da área educacional, o seu lado social é pouco conhecido. As unidades sociais do Instituto têm experiência com recursos públicos através de filantropia, 20% do recurso do colégio que seria para pagar impostos fica retido e é aplicado no trabalho social. Não temos interesse de passar a imagem de financiadores e sim a perspectiva de transformação da sociedade. Priorizamos projetos que envolvem crianças e adolescentes, depois meio ambiente, cidadania ativa, bolsas de estudo. O programa de Economia Popular e Solidária foi criado há pouco tempo e pretende atender quatro grandes demandas em termos de caminhada da Economia Solidária:

- Fortalecer redes;
- Incubadoras;
- A Economia solidária perpassa vários temas e conceitos – apoiar seminários e publicações;

Administramos um recurso que é público. Uma articulação nacional de fundos para pequenos projetos.

### **Fundo Rotativo Solidário: uma experiência – PATAc**

Na cultura da solidariedade existem os ditados: “Água não se nega. Onde come um come dois. A união faz a força.” Mas também tem as práticas de dominação: “As cadernetas de bodegas. Vende na folha. Cria de meia”.

O fundo Rotativo Solidário (FRS) é um mobilizador de recursos:

- Sócio organizativos;
- Naturais;
- Econômicos;

Recursos para aporte local e aporte externo, naturais: biodiversidade. Dinamiza a constituição de redes de Economia Solidária: comunitárias, territoriais e regionais. Ex: cinco famílias querem fazer uma cisterna, três recebem fazem uma poupança para formar novos grupos. Na otimização dos recursos públicos o Fundo Solidário é a chave para abrir a fechadura de um novo horizonte. Pensar não só na forma de organizar. O Fundo Rotativo é tão importante quanto as cooperativas e as OSCIP's.

Experiência de Fundos Rotativos Solidários – Maria Inês – Cáritas – em 1985 os grupos faziam devolução espontânea, não havia controle. Os grupos diziam o tanto que podiam devolver em um determinado tempo, o recurso era de instituições estrangeiras, nunca tivemos recursos público. Da fonte de recursos do exterior o crédito tem sido restrito, o fundo não é grande. Cerca de sessenta projetos aprovados por ano. Um dos critérios é esgotar toda a possibilidade de recurso público.

Para ter acesso é preciso ter:

- Espírito comunitário e solidário;
- Organização participativa;
- Articulação com outros movimentos;
- Respeito ao meio ambiente

### **Questão Geral:**

O fundo foi construído ao longo do tempo. Atuamos através das Cáritas Diocesanas.

O modelo do crédito é diferente do bancário, são critérios diferenciados. Os grupos mais carentes devolvem 30%, 70% é investimento social. Quando os grupos se estruturam melhor a devolução é de 100%. A correção não é por juros ou moras, é reposição da inflação. O fundo é um instrumento de organização popular. Diferenciar do Sebrae, místicas, algo novo de se manter, a luta para construir uma sociedade nova, não só no aspecto econômico, mas no desenvolvimento solidário e sustentável.

**Domingos – DF** – O FBES deve ser parceiro do MDS, MDA, SENAES e CEF. Na discussão a respeito do Fundo Solidário sabemos que existe uma verba do governo que está sendo discutida, podemos passar para as perguntas.

## **PERGUNTAS:**

- Como está sendo feita a articulação entre SENAES e bancos oficiais? (Santiago – CE)
- Pode associar ao sistema Ecosol? (Hildo – RS)

## **RESPOSTAS:**

### **Haroldo (SENAES)**

- 1) Em 2003 o presidente Lula lançou um pacote de fomento ao micro-crédito para regularizar o crédito. As estruturas precárias não alcançavam o território brasileiro, por isso envolvem os bancos públicos. As cooperativas de crédito e OSCIP's não têm capilaridade. O micro-crédito – bancarização, incluir as pessoas no sistema financeiro.
- 2) No sistema financeiro o Banco Central recolhe 40% de todo o dinheiro que circula (compulsório). O presidente Lula retira 2% para o micro-crédito que resulta em mais ou menos um bilhão e duzentos milhões reais.

### **Maria Inês – Cáritas**

Duas maneiras de participar da Economia solidária é aderir à carta de princípios. Se a cooperativa está abaixo do índice de sustentabilidade o conselho conversa com a cooperativa para recuperar e aí ela pode receber o recurso.

### **Otniel – ES**

Não dá para fazer diferente das cooperativas que estão submetidas ao Banco Central. O recurso do FAT foi democratizado de fato. Trezentos milhões aponta para a possibilidade de nova modalidade de financiamento para a Economia Popular e Solidária.

## **4. REDES E CADEIAS DE PRODUÇÃO, COMERCIALIZAÇÃO E CONSUMO**

---

DATA: 29 DE JANEIRO DE 2005

MESA: Nelsa (RS), Márcia Palácio (ES), Samuel (França), Catarina Sossa (Equador), Miguel Stefen Consol - RS

### **Samuel – Urgenci – França**

Urgenci criada há quarenta anos no Japão, atualmente em pleno desenvolvimento faz contratos direto com o produtor com engajamento de pelo menos seis meses, o objetivo é garantir ao produtor a comercialização de seus produtos. É uma grande vantagem para as duas partes. O produtor tem a garantia de comercialização, o consumidor a garantia da qualidade. Gera um conhecimento mútuo, o produtor sabe onde vai vender, o consumidor sabe de quem vai comprar. A idéia é simples, não há desgaste neste sistema, tudo é vendido, não se perde produtos, não há embalagem, vai direto do sítio para o consumidor, não há custo de intermediário, por isso é viável. Não há normas, existe uma confiança entre o consumidor e o produtor o que é uma grande vantagem. Começou no Japão e depois em outros países como Estados Unidos, Canadá, Europa, França, Holanda, Alemanha, Inglaterra, Portugal, Itália, África e algumas experiências no Brasil. Esse sistema pode ser pensado quanto às políticas públicas de governo. Exemplo, o fome Zero no Brasil poderia ser organizado para os consumidores procurarem os pequenos produtores que têm dificuldades. Cada país pode encontrar o seu modelo apropriado. Há muitas maneiras de organizar este sistema. No ano passado houve um grande encontro dos países que trabalham com este sistema, para discutir suas práticas e divulgar. Este sistema favorece a agricultura local e a internacionalização dos mercados agrícolas, não depende do estado. Na Europa o governo dá dinheiro para a agricultura extensiva. Este sistema é uma resposta, permite evitar um custo muito elevado da produção agrícola. Apliquem esta idéia para acabar com os intermediários. É um acordo de confiança entre produtor e consumidor. Existe uma rede na Internet para informação às pessoas que estão interessadas.

## **Márcia Palácio – O BROTO – ES**

O Projeto Broto – Cooperativa de consumo de Alimentos orgânicos do Espírito Santo se organizou para levar alimentos mais saudáveis e acessíveis às famílias. Esta experiência surgiu quando moradores de um bairro fizeram uma central de abastecimento para compras de produtos mais baratos. Durante um ano sentiram muitas dificuldades. Fundaram a cooperativa de consumo e passaram a entrar em contato com os agricultores de três municípios envolvidos na área de produção. O Frei Chico que é italiano fez contatos com agricultores através da ONG Chão Vivo. Na primeira reunião houve o primeiro contato com líderes comunitários da cooperativa. Negociação de preços fixos durante um ano para o produtor rural, foi bom para o produtor e para o consumidor. Em novembro de 2003 iniciou o projeto com reuniões no bairro explicando o processo de preço acessível às comunidades carentes. Oitocentas famílias foram cadastradas para receber a cesta com dez quilos a mais ou menos oitenta reais por semana. Cada produtor já sabe o que vai fornecer por semana, dois tipos de frutas e legumes por época. Não tem desperdício, toda quinta feira os produtos são recolhidos. Na sexta feira de manhã, voluntários pesam produtos em embornais sem plástico ou isopor que polui. A família escolhe se quer receber toda semana ou a cada quinze dias. Atualmente é distribuído na casa das pessoas ou ao líder comunitário. Todos da cooperativa vão se tornando uma grande família, estabelecendo uma relação entre o líder, os moradores e os produtores. São organizados encontros em que os consumidores podem visitar os produtores.

## **Miguel Stefen – Consol**

Existe um problema que é a comercialização dos produtos. Projeto que prevê formas e mecanismos de distribuição e de comercialização de produtos. Sete eixos de atuação:

- Foco fixo de comercialização lógica, não onerar o produtor. São cento e oitenta e três associações, dois pontos fixos com a taxa mensal de três a quinze reais conforme a renda. Compras a preço de custo, o custo são os fretes e os impostos. O produto sai com o custo abaixo do mercado para o consumidor;
- Trabalhar a partir das demandas, desafiados rede de comercio tradicional, gôndola para produtores não se misturarem com outras;
- Experiência com agentes do comércio justo europeu, negociando vinte e duas toneladas de suco orgânico (ecocitrus). Não trabalhamos com a lógica dos excedentes, não somos atravessadores. Criamos a liga, mas toda a negociação do empreendimento com o comercio justo é feita pelo empreendedor. A partir daí saímos, somente auxiliamos quando tem dificuldade de gerenciamento.
- A linha básica é alimentos. Agora o projeto comercializa calçados e vestuário. A cooperativa se associa à Consol por três reais mensais. O pacto é para o produto ser abaixo do preço de mercado. O trabalhador não vai comprar para o vizinho, compra para o vizinho se associar;
- Apoio às feiras;
- Trabalhamos com movimentos sociais, a Consol orienta documentação sindical;
- Auxiliamos e trabalhamos na gestão da política dos empreendimentos. Até que ponto o empreendimento permanece na ótica da Economia Solidária. Normalmente o produtor trabalha na produção e à noite e fins de semana sempre comercializa. Criar agentes sem a idéia de atravessador pode liberar o produtor desta carga, para que ele também possa discutir politicamente a ligação dos empreendimentos e trabalhar a sua forma de auto-gestão.

Este projeto é embrionário, tem somente um ano e meio, temos o grande desafio de sustentabilidade dos empreendimentos. O positivo é que há uma grande demanda de produtos e consumo no universo que trabalhamos. Obrigado.

## **Nelsa – cooperativa Univens – RS**

O grande desafio para o próximo FSM é inventar outra dinâmica, pois é cansativo a gente falar sem vocês participarem da conversa. Que Brasil queremos, que mundo queremos? Se vislumbrarmos o que queremos desde a produção, comercialização e consumo nas nossas casas. Esta reflexão leva a uma mudança de conceito do mundo. Devemos compreender que estamos dentro do capitalismo, às vezes abrimos mão do que pensamos sem perceber. O mundo que queremos é o inverso do que vivemos. Faço parte de uma cooperativa composta por vinte mulheres e dois homens. Começamos a ver a mudança nas pessoas, mas ele é devagar, precisa ter paciência. Nós mudamos o que éramos antes e que conceitos incorporamos hoje. Começamos sem dinheiro, cada

um entrou com três cotas (um real). Só para registrar acabamos com o capital. O desafio de aprender a administrar. Utilizamos o nosso acúmulo de trabalhadoras do capitalismo que ganhavam em cima do nosso trabalho. A consequência foi que a nossa comunidade participou. Trabalhamos com confecção como muitas das camisetas e sacolas que hoje vocês usam. O orgulho de ver as pessoas em Porto Alegre e os vizinhos usando a nossa produção é algo que ninguém pode tirar de nós. Aprender a comercializar foi importante, convencemos os empresários, os movimentos sociais e a sociedade que nosso produto é importante. A contradição está no consumo. Quando vamos comer esbarramos nos produtos que são o contrário do que pregamos. O FSN mostra a nossa inquietude, que passamos para nossos filhos, pois não mudamos o mundo de uma hora para outra. As sacolas levem como uma grande recordação. Pela primeira vez a cadeia produtiva foi mais longe do que nunca tínhamos ido. Conseguimos que o fio fosse feito em uma cooperativa de São Paulo e o tecido também. Paraná e Santa Catarina também fizeram sacolas. Sofremos e choramos muito para fazer isso, o transporte não era da Economia Solidária, seguraram nos galpões. Contamos com muitos gestos de solidariedade, tivemos problemas na serigrafia com mais de duas mil sacolas, mas eles assumiram e fizeram. Foram feitas sessenta mil sacolas por intermédio de trinta e cinco empreendimentos e quinhentos e sessenta trabalhadores. A partir daqui ninguém mais nos segura. Precisamos chegar até o agricultor que planta o algodão e não sobrevive e tem que plantar outros produtos. Algodão sem agrotóxico e sem transgênico. A Economia Solidária vai lançar o primeiro produto de algodão sem agrotóxico. Neste FSM estamos dando um passo a mais, estamos discutindo, fazendo oficinas, comercialização, fazendo negócios. Está na hora do capitalismo abrir o olho, estamos chegando. A Economia Solidária é viável não só para o Fome Zero, queremos mudança da economia deste país. Políticas públicas, mudança na lei tributária. Sabemos que as mudanças sociais vêm com as leis. A mudança passa pela economia que tem a ver com a política. A Economia Solidária é responsável por 2% do PIB e nós significamos muito. O grande desafio – não dá mais para cada um tocar seu empreendimento, devemos construir um viés de solidariedade. Temos orgulho e vocês não imaginam o que significa para cada trabalhador ver o mundo todo circulando com as sacolas que produzimos. A Economia Solidária é possível e outro mundo já é possível.

## **Catarina Sossa – IFAT para a América Latina – Certificadora do Equador**

Pertencemos a uma Fundação do Equador – IFAT, organização mundial para comércio justo. Sou certificadora da marca Fair Trade, organização para comércio justo. Para o consumo solidário necessitamos de credibilidade, precisamos saber se o produto é de comércio justo, por isso precisamos da marca. Existe certificação mundial para certificar produtos orgânicos, mas não tem para certificar artesanato. Há quarenta anos existem tendas que vendem produtos do comércio justo muito conhecidos na Europa e Estados Unidos. Tem gente que busca as tendas para comércio justo. O que significa comércio justo? Nova modalidade, novo modelo, significa que está produzindo ecologicamente, comercialização e transporte, as decisões são participativas. O IFAT tem duzentos e cinquenta membros de todo o planeta, mais ou menos sessenta países da América Latina e todo o planeta. Empresas tradicionais sentiram necessidade da etiqueta do comércio justo. Um membro do IFAT faz um balanço do empreendimento, verificação mútua, verificação externa uma vez ao ano verifica o balanço, se está contratando homens e mulheres com o mesmo salário, se não há trabalho infantil. O preço justo é importantíssimo. Os consumidores geralmente conhecem o comércio justo e quando acham uma tenda certificada acham bom. O tema está tomando força. A certificação pode ser uma arma de dominação. No Brasil há certificadoras participativas. O processo não termina na produção solidária, vai até a comercialização e consumo.

## **Miguel – Consol – RS**

Estamos com a experiência dentro do FSM de coordenar a central de abastecimento, as duas feiras e montagem de quatro armazéns com produtos da Economia Solidária.

## **DEBATE:**

### **Marlene – ONG de SC**

O grande diferencial para o capitalismo é a verdade que sentimos aqui. Nas nossas ONG's e grupos pequenos existe ainda um paternalismo. Precisamos entender que temos que nos

autogestionar. Precisamos fazer essas mudanças nos nossos grupinhos. As experiências falam muito, parabéns nos orgulhamos muito de ser FSM e da Economia Solidária.

### **Roberto – PR – Região de periferia**

pergunta com relação aos consumidores. Foi mencionada uma cooperativa de consumo? Tentamos construir uma cooperativa de consumo para fazer um processo de conscientização e ter preços menores. Procuramos a OCEPAR e foi a pior coisa, saímos decepcionados. A OCEPAR integra as maiores cooperativas do Paraná. Falaram que teríamos que para formar a cooperativa que pagar varias taxas, identificar produtores que não existem em Curitiba e teria preço de frete. Nos desmotivamos. Vocês fizeram a cooperativa de consumo legalmente? Tiveram dificuldades?

### **Lídia Garcia – MG**

Pergunto a Nelsa o tempo que tem de Economia Solidária e como conseguiram organizar a resistência interna do desânimo, das dificuldades?

## **RESPOSTAS:**

**Miguel – Consol – RS:** Respondendo ao Roberto, vocês não procuraram o pessoal ideal, este pessoal nós procuramos evitar. Tem que ter um ente jurídico, tem custos mas não tem tanta dificuldade. Não tem que associar a uma lógica que não nos interessa. Grupos autônomos é difícil, mas é esta a luta. Temos uma linha política diferenciada, não queremos ter lucro e não entramos na lógica perversa. Colocamos à disposição para dar respaldo neste sentido.

**Samuel – França:** a cooperativa tem que sobreviver numa perspectiva de Economia Solidária, na lógica da Economia Solidária. O grande desafio é fazer diferente do movimento antigo de cooperativas do século XIX, que era uma força mas não era Economia solidária, existem para defender os interesses dos cooperativados, o desafio é fazer diferente.

**Nelsa – RS:** Começamos em 1935, a metade são as mesmas, as outras vão se renovando. É um processo difícil. Nem todo mundo está aberto às mudanças. Neste caminho perdemos pessoas, outras abriram outras cooperativas. Quando a mulher sai para o mercado de trabalho não resolve seu problema, continua o trabalho de casa. Agora ficou ainda pior, na cooperativa você trabalha e volta para casa preocupada da cooperativa dar certo. Tem muita questão de gênero para ser discutida. Muitos maridos não acreditavam, achavam graça, mas já teve marido que admitiu, graças à mulher estar na cooperativa não ter passado fome. É uma mudança de vida, a mulher se colocar como mulher e como sendo capaz. O segredo é sentar junto na assembléia todo mês para ver as dificuldades, limpar a roupa. Decidimos que a cooperativa não vai passar de trinta pessoas, deste tamanho conseguimos ter democracia e discutir todo mundo. Com este principio nós vamos para qualquer lugar para ajudar o outro se fortalecer. Não delegamos poder, tem cooperativa que tem o dono, não queremos continuar sendo operarias, queremos administrar, produzir, comercializar. É auto gestão, as mulheres que cuidam da parte financeira. Não têm segundo grau, mas são capazes. Não queremos salário igual, ou todo mundo trabalha no mesmo horário, algumas trabalham nas suas casas porque tem filhos e ganham por produção. Se hoje eu não quero trabalhar eu não ganho, outro faz o meu trabalho. S´ não pode prejudicar o grupo. Queremos adaptar o trabalho à nossa vida, hoje conseguimos. Eu jamais pensei em passar por uma experiência desta. Compramos um terreno com financiamento da Espanha, a festa de inauguração da nossa sede é hoje. Pensamos a planta junto, isto é autogestão, cidadania e mudança de vida.

**Miguel – Consol – RS:** Para não cair na rotina, desafio manter a sua linha política, colocar para seu empreendimento novos desafios. Ter claro objetivos e linha política.

**Henrique Shuster - Secretaria de Desenvolvimento Econômico de São Leopoldo:** Estamos trabalhando redes de cooperativas. O numero de pessoas dentro de uma cooperativa e a manutenção da autogestão, é possível ser autogestionário num maior numero de pessoas/ Como fica os empreendimentos que tem mais pessoas?

**Santiago – CE:** Estamos lutando no FBES para que sejamos reconhecidos. O FSM dá um exemplo: o que é Economia Solidária, preço justo, etc. A Economia Solidária tem crescido e já aconteceu. O próprio governo está ajudando. Porque o governo não compra dos empreendimentos a alimentação dos alunos? Como está o relacionamento estado e Economia Solidária nos outros países também?

## RESPOSTAS:

**Miguel – Consol RS:** Número de cooperados. Esta pergunta é problema e solução. Temos as nossas contradições. Nada é perfeito. Não vejo problemas de delegar tarefas. Como temos empreendimentos no ramo do calçado que emprega muitos trabalhadores, existe o problema, mas existe experiências muito importantes. Às vezes tem que delegar pessoas para fazer tarefas mais administrativas, mas não pode ser centrada em um que pode depois ficar poderoso. Tem cooperativa que renovou a direção, passou para outras pessoas, que passaram por formação, é desafiador, corre-se o risco de cair na lógica das outras cooperativas.

**Nelsa – Cooperativa Univens – RS:** Na área da confecção é uma opção ser menor. É algo para ser discutido, numa metalúrgica não pode ser poucas pessoas. É um belo debate para se fazer. Temos essa visão que é a melhor forma de estarmos nos garantindo. Quem precisa ser grande tem que discutir, é um desafio.

**Samuel – França:** Temos que avançar com propostas:

1 – Forma de negociar direta entre produtor e consumidor se divulgada o máximo possível.

2 – As políticas que tem a ver com alimentação ajuda alimentar são subsídios. Tem que ser política que precisa ser mais efetiva para os consumidores se organizarem e contatarem os pequenos produtores.

**Miguel – Consol – RS:** força muito grande do Olívio Dutra que deu apoio aos grupos de autogestão, à agricultura. No momento no atual governo, os projetos se esgotaram. Fomentar a Economia Solidária, criar mecanismos. Economia para os pobres, mas não é pobre. Se tiver ajuda nacional e internacional vamos conseguir.

**Márcia Palácio – O Broto – ES:** A proposta é colocar secretários de estado que saibamos o que estão fazendo, não para ter abuso do poder. Eliminar a pobreza e desenvolver o local onde o outro mundo será possível.

**Nelsa – Cooperativa Univens – RS:** Quero agradecer a oportunidade, a gente passa pelo FSM e ele pela vida da gente. Nunca deixar de ousar. Nada na vida da gente é fácil, temos que construir políticas públicas. Não temos nem dimensão que o mundo todo está aqui. Acreditar que dá para mudar a partir do que estamos fazendo. Queremos que este país seja de todos brasileiros.

**Catarina Sossa – IFAT para a América Latina – Certificadora do Equador:** Agradeço a oportunidade de escutar tantas palavras que contribuem para um comércio justo e solidário.

## 5. OFICINA DA CADEIA DO ALGODÃO

---

**MESA:** Cláudio (Unisol), Eliane Lobo (presidente do sindicato dos Trabalhadores rurais de Xoró), Letícia (Apoio Espla), Nelsa Nespolo (Cooperativa Univens), Ana Asti ( Onda solidária e Fair Planet, comercio Justo, marca tudo bom), Idalina Maria Boni ( Empresa de autogestão Fio Nobre), Loide ( Têxtil Cooper – produção de Tecido)

Relatoria: Idalina Maria Boni – SC

Feita a abertura por Cláudio, dando as boas novas de articulação da Cadeia produtiva.

Eliane apresentou a produção do algodão, mostrou transparências e o processo do grupo e do município, suas dificuldades e avanços. Deixou uma pergunta: O preço do algodão caiu, como tem sido no algodão?

**Loide da Têxtil Cooper** que em 2001 passou a ser uma cooperativa mostrou que eles descobriram a utilidade de teares parados, para produzir tecido e inclusive como alternativa de produto para a cooperativa. Levantou as dificuldades por sentidas no processo, a vantagem de negociar o preço na cadeia e receber de forma justa para isso. O importante é que acharam outras alternativas de produção para a cooperativa.

**Idalina da Fio Nobre:** O produto que temos são fios e a criatividade dos grupos de produção em transforma-los em peças, blusas, bolsas, etc. O sonho de produzir com o algodão orgânico, qualificar o produto e a importância do enfrentamento econômico e a construção de uma outra forma de organização econômica. As dificuldades enfrentadas neste processo e o olhar crítico que temos que ter com relação á qualidade, responsabilidade dos grupos, estudar, nos preparar. O mais importante é que passou uma água que sacudiu todos os grupos e mostrou o que podemos conseguir. Levantamos a possibilidade de tingimento natural.

**Nelsada Cooperativa Univens:** Nosso avanço é o orgulho da bolsa que circula o FSM e o mundo. Muito nos emociona e foram muitas as dificuldades enfrentadas, o que precisamos pensar para continuar nossa organização, sairmos com as camisetas orgânicas marca brasileira que a Univens trouxe para lançamento e experiência. A possibilidade de nos articularmos com fios, tecido e malha que com o apoio dos grupos a Têxtil Cooper poderá produzir. Nosso desafio de outra economia é mostrar que em cadeia podemos produzir melhor e ganhar mais.

**Ana – Comércio Justo:** Expôs sobre a ONG criada no Rio e a busca da comercialização para exportação. O processo que eles estão organizando para buscar da produção e a comercialização de camiseta com a marca "Tudo de Bom". Estão trabalhando a construção da camiseta orgânica com a marca "Tranquilo" e o desafio é o fio exigido internacionalmente que é "penteado". Neste sentido buscaram a parceria que está sendo estudada com o Peru, que produz o fio. Apresentou os custos levantados e a que a produção no Brasil seria mais barata. Temos que fechar a cadeia.

## **DEBATE:**

**Crispim – PA:** Entreviu no sentido de não pensarmos somente a exportação como forma de "grande e boa" comercialização, mas o Brasil tem potencial e dentro da perspectiva do Consumo solidário.

**Marlem:** No valor do processo das bolsas e do orgulho de ter participado como grupo. O processo de rede, envolvimento com meio ambiente e processo educativo.

**Paraguaia:** Com o depoimento de sua região com trabalho nesta área.

## **Encaminhamentos Finais**

- 1 – Espla e Sind tem o fio – colheita 4 toneladas em julho
  - 2 – Cones – pode chegar ao fio 24/1-30/1 e 40/1 – cardado beneficiando
  - 3 – Têxtil Cooper – produz tecido com textura mais fina para produção de peças. Em 60 dias tem possibilidade de produzir malhas.
  - 4 – Fio Nobre – Pode produzir peças artesanais.
  - 5 – Cooperativas costura – Univens – produzir peças e camisetas.
  - 6 – Estudar tintura natural a longo prazo com o Norte.
- Temos: Definir marca, produtos e lançamento de prazos

## **Fevereiro:**

- Criação de grupo na Internet para conversa (Idalina, Nelsa, Francislei)
- Projeto para compra de 2000 kg (Ana)
- Cones beneficia o fio – ver Penteado
- Têxtil Cooper – Testes para tecido, malha instalar
- Artesanato – produz peças
- Grupos de Costura: Selecionar:
- Produtos: Sacolas, Cangas, Camisetas, Chapéus, Calças Capri, Bermudas
- Langerie – estudar possibilidade futura
- Modelar: Marlen se dispõe a modelar e ampliação
- Molde – Ver coordenação Ana Fair Planet
- Lançamento – Setembro – desfile e evento

## **Mais ou menos em Junho – Reunião para fechar**

# **6. MOVIMENTOS SOCIAIS E ECONOMIA SOLIDÁRIA - SEGMENTOS PROTAGONISTAS NA CONSTRUÇÃO DA ES**

---

DATA: 28 DE JANEIRO DE 2005

MESA: Luis Inácio Gaiger (Unitrabalho), Ruth Nunes Spindola (PACS), mais quatro nomes (pegar com a Ruth)

**Gaiger:** A práxis é rica, desafiadora que mostra resultados importantes. Esforço na América Latina de aglutinação de diversos atores. Deste esforço nasceu um livro traduzido para o castelhano, ontem foi lançada a versão francesa. Cada vez temos um número maior de pensadores. As tarefas e desafios dos intelectuais é reconhecer um novo protagonismo dos atores primeiros, principais. Historicamente no Brasil e também em outros países existe uma grande experiência de mobilização reivindicatória. A construção de uma alternativa econômica pelos trabalhadores é novidade. Reconhecer estes protagonistas, não tomar a frente e nem o lugar dos protagonistas. Escapar de certas armadilhas e dicotomias. Há algumas armadilhas sobre o pensamento da Economia Solidária: uma delas é colocar tudo para daqui a cinquenta anos, horizonte demasiado utópico. Aí reside o papel histórico e significado real da Economia Solidária, não o significado que as nossas idéias podem dar a ela. Essas iniciativas podem nos colocar numa outra realidade histórica. Do ponto de vista da agenda concreta de trabalho há muitas coisas. Particularmente no lugar dos pesquisadores gostaria de fazer uma..... . Olhando o nosso conhecimento acerca da Economia Solidária, ainda nos falta muitos levantamentos, recenseamentos, para trabalhar com dados mais reais. Os dados são muito parciais, descontínuos, aí não temos como saber o impacto para trabalhar. O Brasil está fazendo o mapeamento da Economia Solidária no Brasil desde 2004, em meados de 2005 teremos resultados interessantes. Devemos avaliar a qualidade deste levantamento. Não vamos poder analisar o impacto da Economia Solidária através do PIB. A formulação teórica é aprender com as experiências e traduzi-las para a teoria. Obrigado a todos pela atenção.

## **DEBATE:**

**Marlene – ONG Ecológica Araguari – SC:** O fórum é para nos trazer a consciência do que somos, tem pessoas como esta senhora (convidada indiana da mesa) que dedica sua vida para a nossa causa.

**Graça – PI:** Trabalho na Secretaria Social de Assistência e Cidadania do Piauí, entendemos que a Economia Solidária se compõem de experiências que procuram enfrentar na pratica a lógica capitalista do consumismo. No Piauí um grande desafio é garantir o consumo solidário. Estamos na produção solidária, precisamos avançar no consumo solidário. Participo com o apoio do governo, trabalho com mulheres chefes de famílias, com a transferência de renda do governo federal, junto com a SENAES apoiamos estas experiências. Outra experiência foi o levantamento de dados e informações para o combate ao trabalho escravo. O Fórum Estadual de combate ao Trabalho Escravo vai implementar experiências de Economia Solidária, processo rico, esperamos no próximo FSM poder passar estas experiências, para ajudar na solução dos problemas econômicos deste mundo. Como vocês vêem a possibilidade da Economia Solidária deixar de ser vista de pobre para pobre, para ser uma economia de combate à fome e à pobreza.

**Adão – RS:** Cegos e surdos não vêm para o FSM porque não têm espaço. Falta consciência com relação aos deficientes. Sou da Coopervisão onde mais de cento e dez pessoa entre cegos prestam um trabalho solidário com uma boa remuneração. Trabalho há trinta e oito anos no sistema público de trabalho, mais de 60% são marginalizados. Quem está fazendo alguma coisa para: obesidade mórbida, hipertensos, cardíacos, diabéticos, doentes crônicos, dependentes químicos, menores infratores. Esperamos que dentro do FSM crie uma cultura de solidariedade baseada na autogestão.

**Artur – Fundação Estado de São Paulo:** Questão Agrária e Fundiária em Defesa da Cidadania – Extensão rural – coordena a área de sócio economia. Levanto as seguintes questões: Ficou claro o papel e a importância das mulheres na fala da companheira do México. As mulheres tem menos barreira cultural que os homens. Ocorre alguns casos em que há uma exclusão do homem, que fica com trabalhos mais pesados causando falta de auto estima entre os homens, as mulheres estão ocupando os postos. O mesmo erro que aconteceu com relação à mulher está acontecendo nesta reconstrução de outro sistema com relação aos homens. Outra questão mais teórica pela fala do Gaiger, quando começaram iniciativas agrárias pequenas, pequenas cooperativas, redes como o Carrefour e outras redes de produtores orgânicos associadas a supermercados, têm certificado produções que são ecologicamente sustentáveis, tem sistema ISSO que vai agregando valor a estes produtos. Como fica a Economia Solidária, se os capitalistas tem capacidade para pegar estas cooperativas e colocar nos supermercados? Vamos conseguir acompanhar estas grandes redes?

**Rosângela – Secretaria de Assistência Social do Piauí:** Participei de uma experiência piloto no país, que foi a implantação do Fome Zero nos municípios como Guariba. Também sou pesquisadora. O município de Guaribas é o mais pobre do país, as pessoas consumiam seis itens em

toda a sua vida. Como contribuir para encontrar uma fórmula para melhorar a qualidade de vida das pessoas. Nasce assim nosso processo de Economia Solidária no Piauí. Os homens saem em busca de trabalhar e acabam no trabalho escravo. Ficam as mulheres e as crianças, começamos a trabalhar com elas. Na questão financeira buscamos recursos para apoiar a comercialização. Depois de seis meses temos duzentos grupos com duas mil mulheres. Temos Centro Público não estatal em parceria com a Secretaria Especial para Mulheres. Queremos consolidar a experiência, parceria com a SENAES para quatro Centros Públicos não estatais.

### **Desafios principais:**

- Dificuldades de parcerias para assistência técnica – precisamos melhorar;
- Resistência do FBES, dificuldade de diálogo, há um saber que se impõe, faça uma auto crítica à excelência acadêmica.

### **Respostas:**

**Representantes do México:** Podemos dizer que a participação nas riquezas é importante. A Economia Solidária não é só das mulheres, os homens também devem participar.

**Gaiger:** consumo solidário não é só satisfazer uma necessidade, satisfação nos remete a todo um universo. Foi bem lembrado que a Economia Solidária tem um caráter de reinclusão de pessoas que estão fora.

## **7. MULHERES DA ECONOMIA SOLIDÁRIA E NOVAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

---

A oficina organizada em parceria pelas Pénélopes, ATTAC – França, Lua Nova e o Projecto Software Livre Mulheres com o apoio do convênio ABONG- Coordination SUD foi realizada em dois tempos nos dias 28 e 29 de janeiro de 2005 durante a quinta edição do Fórum Social Mundial em Porto Alegre, no espaço 6 dedicado a Economia Solidária.

Se a escolha do tema podia surpreender a sua ocorrência neste espaço não foi por acaso já que a oficina visava discutir e debater as vantagens e desafios que as novas tecnologias da informação e comunicação (tics) para as mulheres da economia solidária.

### **Um outro olhar sobre as mulheres da economia solidária**

Após uma pequena introdução e apresentação de todos os participantes o primeiro momento da oficina foi aberto por Michele Dessenne, que representava a ATTAC França e as Pénélopes, com o intuito de contextualizar o tema da oficina. Já que este era um tema inovador e pouco discutido. Ela lembrou que de forma geral as mulheres enfrentam mais dificuldades do que os homens em relação às tecnologias. Elas são menos formadas e mais orientadas para outras ciências. O sistema patriarcal, inculca e reproduz tais esquemas. A mulher fica confinada a executar tarefas repetitivas, com um fraco valor acrescentado comparativamente com as tarefas tradicionalmente atribuídas aos homens.

As novas tecnologias da informação e da comunicação, que já não são assim tão “novas”, surgiram há dez anos atrás. As mulheres, elas, por razões econômicas, e culturais têm ficado um pouco excluídas... Ora os conhecimentos das novas tecnologias não são mais difíceis do que outros a adquirir. Para além disso, é preciso notar que dentro da estrutura da economia solidária existem vários problemas e obstáculos a ultrapassar pelas mulheres que nela se inserem. Destaca-se entre outros, a nível econômico por exemplo, a necessidade de fundos para iniciar uma atividade. A nível social, a mulher precisar desatar ou soltar um pouco os laços que a prendem a sua família e lar. A esse nível existe nas palavras de Michèle Dessenne, uma “chantagem muito ordenada” que resulta num sentimento de culpabilidade sofrido pela mulher devido à pressão exercida pelo marido ou pelos filhos.

A mulher vai assim acumulando deficiências que lhe são impostas para dominarem as suas forças e torná-las mais dóceis.

As mulheres da economia solidária são portanto guerreiras que vão ultrapassando os seus limites para batalhar em diferentes frentes: a da gestão, da produção, da organização e a da vida familiar. As tics surgem portanto como um instrumento simples para elas desenvolverem as suas atividades econômicas ou as suas lutas. O que sobressai também do uso das novas tecnologias pelas

mulheres da economia solidária é que elas permitem às mulheres criarem vitrines para o seu trabalho, produtos e grupos, e acabam sendo um meio de construir e consolidar redes. Estas redes por sua vez, podem ser ampliadas e vão sendo consolidadas. As tics permitem ou favorecem assim que outro olhar seja estabelecido sobre as mulheres da economia solidária.

O trabalho das Pénélopes desde 1996, é ilustrativo já que entenderam estes desafios e optaram pelo uso das novas tecnologias e dos softwares livres como vetor de emancipação. Isto por serem também fomento à criação de iniciativas e por serem um instrumento solidário. Assim em poucos anos, elas conseguiram criar uma rede com mulheres de África, da América Latina e da Europa de Leste, que hoje se vai ampliando a outras áreas do globo também. Esta rede já permitiu a troca de milhares de idéias e combates. Por isso, este exemplo concreto longe de ter sido uma montagem em vão, ilustra pelo contrário, todas as potencialidades benéficas do uso das tics.

### **O software livre como instrumento solidário para ultrapassar barreiras**

Loimar Vianna é uma das fundadoras do grupo Projeto Software Livre mulheres que ela apresentou antes de expor quais as vantagens que ela e o grupo vêem no uso do software livre. O Projeto Software Livre mulheres existe desde 1999 e é a ala feminista da rede mais ampla do Software livre. O grupo pretende elaborar projetos voltados para as mulheres e por elas elaborados e pensados. Tentando contrariar o que normalmente se verifica: que as tecnologias são uma área predominantemente masculina. O objetivo geral é o de trabalhar para a integração e inclusão da mulher através do software livre. Como exemplo concreto do trabalho do grupo a Loimar explicou que elaboraram a página da Internet da Marcha Mundial das Mulheres, usando softwares livres, claro.

Mas o que é software livre? Software livre é um software que pode ser copiado, estudado, melhorado e distribuído sem restrições algumas e isto sem correr o risco de piratear. O software livre permite assim uma maior inclusão digital, o que o trabalho do grupo visa também. Com efeito, o grupo acaba proclamando o direito a inclusão digital, querendo que as mulheres "assumam o teclado". Para elas "o software é liberdade". Acreditam que é um instrumento de inclusão digital e que através das tics as mulheres não ficam restritas as suas comunidades locais, vão trocando informações em rede e assim também abrindo-se para o mundo. O instrumento se torna um autentica oportunidade para as mulheres. Uma das maiores vantagens das tics é a de facilitar o trabalho em rede. Este por sua vez, permite contatos com outras culturas e permite trocar informações e conhecimentos ou experiências práticas. O que permite as mulheres sentirem-se mais próximas da chamada "aldeia global". Segundo Loimar é ótimo, já que "permite manter contato com pessoas de outras partes do país ou até de outros continentes, que não têm forçosamente meios financeiros para se deslocar". As tics são assim uma forma de ultrapassar certas barreiras.

O projeto software livre mulheres verifica que hoje trabalham cada vez mais com grupos da economia solidária, nomeadamente por trabalhar em conjunto com o grupo Lua Nova de Porto Alegre. Foi também através desta aproximação que, em 2001, o grupo contactou com as Pénélopes, que já trazia uma bagagem nesta área a nível europeu. O trabalho delas as interessou muito e foi interessante poderem trocar experiências. Assim, também para elas. Nessa altura, a Grupo de Loimar começou também a trabalhar com a Lua Nova que administra essencialmente oficinas e formações de sensibilização e capacitação para mulheres sobre vários temas. Vendo que o seu trabalho era complementar, começaram a realizar oficinas comuns com grupos de mulheres de Porto Alegre. Deste trabalho realizado com grupos da economia solidária, elas retiraram que, as tics desencadeiam um circulo virtuoso para os grupos. Para além de permitirem aos grupos colocar na rede os seus produtos ou serviços, o que facilita e estimula a sua divulgação, isto acaba também beneficiando as produções. Foi por terem tirado tão bons balanços do uso das tics e do software livre para as mulheres, que hoje os dois grupos têm em conjunto o projeto de montar um telecentro na cidade. Este projeto já esta sendo apoiado pela UNESCO- MERCOSUR, que patrocina uma rede de telecentros livres e com isso já conseguiram comprar os equipamentos, mas continuam a espera de uma resposta da municipalidade acerca do local. Por isso, ainda não sabem se o espaço será um espaço publico ou não mas isso não o impedirá de ser um espaço livre e aberto onde as mulheres da cidade poderão aceder a internet ou utilizar um computador. O projeto é também o único projeto feminista na rede dos telecentros livres que se tem vindo a desenvolver. A Loimar concluiu que se a economia solidária promove a inclusão social, o software livre promove a inclusão digital. Já que o software livre não é vendido com um numero de série numa caixa, para além de ser um software grátis, que não contribui para o enriquecimento das grandes multinacionais, é também mais do que isso, ao ser uma autentico instrumento fruto da solidariedade, é uma propriedade coletiva, que por sua vez também promove solidariedade.

Finalmente, Sónia Ruiz das Pénélopes de Barcelona, apresentou primeiro o seu grupo e as atividades que desenvolvem. O grupo vai trabalhando na área da educação popular, da apropriação das tics pelas mulheres, e edita uma revista *online* mensal, com versões em inglês e espanhol, que tenta tratar da informação que não aparece na imprensa. Na verdade o grupo trabalha sobretudo na versão em espanhol em conjunto com Argentina, México e Bélgica, isto tudo em rede e usando o sistema de publicação para a Internet SPIP. As mulheres do grupo não são informáticas, nem na verdade pensavam serem destinadas a trabalhar com informática mas rapidamente se aperceberam da importância das TIC. Segundo ela própria diz: "vimos rapidamente que o software livre é uma arma de luta!". O que trouxe à tona a questão do uso do software livre como ato social mas também político e de resistência. Hoje, têm um verdadeiro compromisso com o software livre e estão "convertidas" as vantagens e facilidades do sistema SPIP. Este está traduzindo em 25 línguas e é de muito fácil utilização. Qualquer mulher pode utilizá-lo e indo assim apropriando-se também do trabalho do grupo. Com spip uma formação em três dias chega para que as mulheres criem os seus *sites* e aprendam a depois apetrechá-lo. O SPIP é de fácil uso na vida cotidiana, útil e livre, para além disso é grátis logo, não representa um investimento para os grupos. A apresentação breve da Sónia suscitou muito interesse por parte do público em conhecer melhor esse instrumento e gerou um bom debate. As intervenções foram muito interessantes e enriquecedoras. Entre elas, destaca-se a do vereador de Uberlândia, Minas Gerais, que apresentou a experiência da municipalidade que aprovou uma lei que compromete a municipalidade a usar software livre. Este modelo poderia ser reproduzido na França ou na Europa. Estes debates foram prolongados no dia seguinte no segundo tempo da oficina.

### **Mulheres e tecnologias: uma alternativa para uma maior inclusão**

O segundo tempo da oficina foi iniciada por Dominique Foufelle, Presidente das Pénélopes que salientou que as Pénélopes estão na origem da criação do RIFES, rede das mulheres da economia solidária, e da sua parte francesa o FER, Mulheres em Rede e que isso tudo é facilitado pelas tics. Para além disso, as Pénélopes já até hoje realizaram *sites* para 6 grupos assim como 4 filmes. Estes trabalhos foram realizados com o apoio da antiga Secretaria de Estado para a Economia Solidária francesa (SEES). Os visuais das páginas são idênticos, os conteúdos é que diferem. A ideia era a de criar *sites* pessoais, como montras para os grupos apresentarem e venderem os seus produtos mas também para explicarem os seus trabalhos e poderem trocar informações entre grupos. Este trabalho foi realizado em conjunto com as mulheres dos grupos, e isso foi enriquecedor para os dois lados. As tics permitiram assim também tornar mais claros os desafios da economia solidária em geral, isto é para as pessoas que não estão já sensibilizados para isso, ou que já pertencem ao movimento. O SPIP permite também atualizar os *sites* muito facilmente e por isso, essa tarefa ficou a cargo das mulheres dos grupos. A página acaba sendo propriedade de cada uma, e cada uma pode dar o seu toque e assim reconhecer-se nesse trabalho.

"O balanço que fizemos das formações que fomos dando também para estas mulheres foram muito positivos porque as coisas correm muito bem por elas próprias...isto é as mulheres que não tinham contato com computadores ou com a escrita em geral acabaram se dando muito bem. O único ou maior problema que eu vejo é a falta de tempo, não a falta de vontade. A criação das redes FER e RIFES também foi muito positiva já que nos apercebemos que após dois anos, as mulheres continuam a trocarem ideias e soluções entre elas. No entanto, hoje a SEES já não existe e estamos enfrentando alguns problemas de financiamento." Dominique acabou concluindo que as tecnologias reforçaram as suas convicções já que permitem que a noção de comunicação integre todo o seu significado. "Estas novas ferramentas são uma forma de criar trocas e de acabar com a ideia de que a comunicação só se faz num sentido só". Seguiram-se vários testemunhos concretos de mulheres de diferentes estados do Brasil, mas também da Bulgária, Argentina o que foi muito enriquecedor.

Nicole Ameline, Ministra francesa da Paridade e da Igualdade Profissional que estava presente no Fórum veio encerrar a oficina mostrando o seu apoio à iniciativas de mulheres no fórum. Ela já tinha visitado alguns empreendimentos e iniciativas de mulheres da economia solidária de Porto Alegre, encontrou estes que foram facilitados pelo convênio e pelo grupo Lua Nova. A Ministra veio assim agradecer estas oportunidades e aproveitou para reafirmar a importância dos objetivos do milênio e nomeadamente da igualdade entre homens e mulheres a todos os níveis. Lembrou também que este ano de 2005 estaremos comemorando os 10 anos da Convenção de Beijing, que em 1995, reuniu 30000 pessoas para afirmar a importância das mulheres no mundo. Ela apresentou assim em antemão a campanha Pequim + 10, que consiste em uma petição para ser apresentada em setembro na Conferência do Milênio nas Nações Unidas, e cuja a primeira assinante é a

professora Wangari Maathai, prêmio Nobel da Paz. Esta petição será apresentada oficialmente na Conferência Mundial das Mulheres de 28 de fevereiro a 11 de março em Nova Iorque.

Esta discussão permitiu abordar as vantagens e benefícios do uso das tics para as mulheres da economia solidária: uma maior inclusão digital e social das mulheres, mas também permitiu que fossem identificados vários desafios que ainda perduram para as mulheres da economia solidária, como a conquista de mais direitos e a realização plena dos já conquistados.. Estas oficinas permitiram trocar contatos entre as participantes e interessados o que demonstra também como a cada encontro as parcerias e as redes se vão ampliando. No final, foram comunicadas algumas propostas concretas que foram acordadas entre os participantes.

### **Propostas concretas que resultaram das oficinas**

- Incentivar políticas públicas municipais e estaduais que favoreçam o uso de software livre nos órgãos públicos e que os recursos economizados assim sejam redirecionados em políticas de inclusão digital como para compras de equipamentos para telecentros públicos.
- Inserir a temática da economia solidária no 6º Fórum Internacional de Software Livre que irá ser realizado em Porto Alegre em Junho deste ano.
- Organizar oficinas para mulheres sobre inclusão digital que utilizem software livre.
- Apoiar a petição mundial Beijing +10 para o reconhecimento dos direitos das mulheres.



**Da esquerda para direita:** Arielle; Dominique (Les Penelopes- França)Caroline (estagiária do eixo no Brasil);Rose;Maria (coordenadoras do eixo Ecosol no Brasil e na França) Loimar (Software Livre Mulheres/RS); Michelle Dessenne (Attac-França e Les Penelopes);Claudia Prates (Lua Nova); Sônia (Penelopes – Espanha); Marilise ; (Lua Nova);Penélopes

## **8. ECONOMIA SOLIDÁRIA E ESTADO: RADICALIZAÇÃO DA DEMOCRACIA (MARCO LEGAL, GESTÃO E CONTROLE SOCIAL)**

---

DATA: 30 DE JANEIRO DE 2005

**MESA:** Dione Manetti (SENAES), Romeu Lemos (Rede de Gestores), Lenivaldo Lima (Harmonia Catende), Inácio Rodrigues (Argentina), Canadense

### **Dione Manetti – SENAES**

Primeiramente processo de uma crise de emprego no país. Descentralização da responsabilidade sobre algumas políticas públicas como educação e saúde, abertura democrática. A população passa a olhar as administrações, a cobrar dos governos mais próximos os temas desenvolvimento e geração de emprego. As políticas de Economia solidária podiam responder a demandas anteriores além de poder construir outro padrão de vida para o país, levando em conta as demandas locais. O Rio Grande do Sul realizou programa e apoiou mais de mil e quinhentos empreendimentos, mais de sete mil pessoas. A experiência da Prefeitura de São Paulo que executou uma política com possibilidade de construir alternativas de emancipação em programas redistributivos. Milhares puderam deixar de precisar da bolsa e desenvolveram seu próprio trabalho. Chegamos á SENAES e não partimos do zero, começamos com um conjunto de experiências de varias partes do país. Na I Plenária de Economia Solidária contou com trabalhadores que antes não participavam, presença forte dos gestores públicos parceiros na concepção de criação da Senaes e do FBES. Surge a rede nacional de gestores, os desafios tomaram outra dimensão quando chegamos no governo Federal, mas não eram desconhecidos. A idéia da construção de políticas públicas com participação popular. Democracia e participação popular não é só para os iguais (ideário dos governos burgueses que privilegia o debate com os iguais). Exemplo o orçamento participativo, todos participam no mesmo ambiente. Por vezes

perdemos isso de vista. Responder à demanda dos trabalhadores e movimento social não é responder à sua demanda individual. É a capacidade de entender as diferenças e construir as soluções para as dificuldades apontadas pelos trabalhadores. Exemplo a plataforma da Economia Solidária construída conjuntamente. Finanças Solidárias e Marco Jurídico fazem parte da plataforma da Economia solidária e da ação da Senaes. O crédito é uma demanda histórica, a questão central para viabilidade dos empreendimentos. O governo Lula tem respondido a esta demanda com o lançamento do programa nacional do micro-crédito orientado, possibilidade de financiamento direto para pequenas cooperativas e associações. Realiza através dos Bancos do Povo, OSCIP's, cooperativas de crédito. Este crédito não obriga a ir direto a uma instituição financeira, existem os agentes de crédito. Paralelo a isso tem o programa de desenvolvimento institucional, formação de agentes de crédito, dirigentes de cooperativas de crédito. Na legislação não houve avanço suficiente, as mudanças não se fazem somente com eleição do governo, precisa de vontade social para realizar mudanças. A base é disponibilizar logística para os produtos chegarem até o mercado, identificar demanda de construção e um chegar ao outro. Na verdade estamos no mundo capitalista e precisamos fortalecer na nossa lógica instituições de comercialização auto sustentável que não depende do estado. As micro empresas já fazem há muito tempo, no Rio Grande do Sul foram construídas inúmeras redes que já estão exportando. O Brasil avançou na extensão rural estruturando a disponibilização de assistência técnica por intermédio do Incra, construindo normatização para assistência técnica para a agricultura familiar. Na área urbana não há essa realidade. É preciso construir uma grande rede nacional de entidades de apoio e fomento que possam estar em todos estados e ter recurso dos governos federal e estadual. Temos muito ainda a avançar neste campo, já andamos muito e rápido porque a conjuntura do mundo do trabalho obriga a novas alternativas. Nos momentos de crise abre a oportunidade para construção do novo. No Brasil e em varias partes do mundo estamos construindo o novo.

## **Canadense**

Exposição sobre a ação do governo do Canadá (Quebec) na Economia Solidária. A aliança e mobilização entre os vários atores. A importância da solidariedade internacional. Estabeleceu a relação entre o governo do Canadá e o governo Brasileiro.

## **Inácio Rodrigues – Argentina**

Falou do processo de reconhecimento social pela sociedade civil, a conquista de uma lei para empresas recuperadas e da pressão das empresas multinacionais.

## **DEBATE:**

**Crispim – PA** – Que a partir do resgate da cultura possamos fazer o controle social. Está acontecendo que os conselhos são viciados pela distancia entre o povo e o gestor. Para a radicalização temos que mudar o individual para construir a territorialidade. Se nós trabalhadores protagonistas do processo não mudarmos individualmente não construímos o coletivo. A disputa está posta. A Economia Solidária está em disputa com a economia capitalista.

**Marlene** – Não temos tempo para nos preocupar com os contatos políticos. Confiamos que vocês gestores estão fazendo o melhor. Existem atitudes que não podem passar despercebidas. Temos que mudar nosso pensamento, desenvolver a solidariedade verdadeiramente. O ponto central são as licitações, a Cooperativa Univens está apta porque não está sozinha, existem gestores que estão ajudando. O governo tem que ter consciência que estamos no meio neoliberal. A água não acaba, se transforma.

**Manoel Conceição – MA** – Para construir um processo solidário precisa de uma política educativa. Existem as classes no mundo, mas neste debate não estão incluídas as classes nacionais e internacionais. Homens que estão acostumados a construir bomba atômica vai entender as nossas necessidades? Não querem ouvir a palavra solidária, acham que é esmola. Como vamos direcionar os recursos públicos e privados para potencializar e empoderar os trabalhadores no sentido de forçar essa nova economia? Os devastadores tem levado as pessoas a migrar.

**Marcio Andrade – MG** – Quais as principais potencialidades que favorecem a Economia Solidária, existe uma legião de pessoas que têm um trabalho e não têm oportunidade de vencer por ausência de políticas públicas.

**Belizia – Estudante** – Quero exemplos de experiência prática nacional e internacional de Economia Solidária. O Banco do Povo é um exemplo? Os grupos estão exportando o quê?

**Dione Manetti – Senaes** – Quero ressaltar o que o Manoel Conceição levantou pois ele é um companheiro que tem uma trajetória importante no movimento social e sabe o que está falando. Quando coloquei que é necessário disponibilizar ferramentas concretas não é novidade. Devemos atentar para o tema da educação e formação. Educação para trabalhos coletivos, organização de empresa é fundamental, outro campo é a assistência técnica. Quanto á questão das administrações tenho uma visão republicana. Não posso pensar conforme o lugar que estou. Temos que efetivamente lutar que o estado seja republicano, a serviço de todos, não de alguns. Precisamos de uma política pública bem definida, é central nesta relação. Estabelecer elementos públicos, não exatamente estatais. Por exemplo a idéia dos Centros Públicos. Abre-se uma possibilidade grande hoje, inúmeras prefeituras eleitas tem simpatia pela Economia Solidária.

**Romeu – Rede de Gestores** – Reforçando Manoel Conceição foi candidato pelo PT em Pernambuco em 1982. A construção da Economia Solidária não é rápida, é lenta porque precisa ser sólida. A Economia Solidária vem dialogando e construindo muitas vezes sem ter esse nome. O Ministério do Desenvolvimento Social – MDS está interessado, o Ministério do Meio Ambiente – MMA tem uma relação forte com estratégias da Economia Solidária. A Senaes tem um campo para construir e temos que ser nós. O Banco do Povo só trabalha micro-crédito e inserção econômica, não pode ser chamado assim, mas se for trabalhar inserção de rede.

**Francesa** – É fundamental o acesso aos investimentos. Precisamos ter acesso, é fundamental para levar adiante a política de Economia Solidária.

**Inácio Rodrigues** – O problema sobre as políticas de educação e construção de concepções solidárias das pessoas vai dar a ação econômica de políticas públicas que o estado tem que promover. Vivemos na nossa cooperativa a formação das pessoas em direção ao modelo capitalista. Na nossa cooperativa em primeiro lugar está fortalecer teoricamente a experiência dos trabalhadores, sendo companheiro, sendo solidário, o benefício é para a cooperativa. Vivencia concreta, novo caminho de condução social dentro da certeza.

**Loraci – RS (Linha Delfina Estrela)** -Faço parte de um grupo de seis mulheres, começamos com agricultura ecológica, onde era usado muito agrotóxico, mudamos um pouco isso. Cada pessoa é um mistério, dentro de cada um mora o individualismo. Levamos o produto na feira de manhã, precisa ter transporte, as pessoas que participam são empobrecidas. Quem ajuda é a Emater e a Prefeitura, mas sem estrutura nenhuma. Pergunto ao Dione qual a discussão que existe com o Ministério da Educação, pois a educação é a mola mestra que leva a tudo.

**Desconhecido** - O Banco do Povo não resolve porque as pessoas tem nome sujo por serem empobrecidas. O governo tem que ter o cuidado para não deixar de fazer o papel de estado e querer consolar com migalhas. Não só o Fórum mas todas entidades existentes precisam fazer campanha de formação política no mundo todo. Devemos eleger pessoas que tenham companheirismo com a comunidade. Parabenizar uma Secretaria de Economia Solidária específica. A iniciativa de levar a Secretaria de Economia solidária para todos estados é importante, dá força, tem setores que estão fracós.

**Carlos – RS** – Durante o governo Olívio Dutra os seminários de Economia Solidária visualizavam mundialmente o orçamento participativo. Com a derrota do governo democrático e popular, o rigoto assume que não tem nada de popular. O fogaça não vai manter o orçamento participativo. Em que pé está a importância do orçamento participativo a nível nacional? A Economia Solidária muito conquistou com o orçamento participativo. É uma forma de radicalizar a democracia.

**Viana –Unicamp** – Sou da academia e quando ouço o pessoal das cooperativas falar me dá arrepio. Desculpa os termos técnicos, só a pratica pode responder à teoria. As cooperativas vão romper a relação capital trabalho? Ou é um meio para romper em um próximo passo?

**Rondônia** – A Senaes deve conhecer mais os trabalhos dos fóruns para que a relação seja menos desgastante.

**Desconhecido** – Uma vez por mês no setor das dioceses e nos bairros, pequena semente para conseguir algo melhor para o bairro. As políticas públicas são o caminho para a população conseguir ferramentas para trazer coisas para o cotidiano. Se tenho sacolão mensal para que ir à luta? Atrás dos sacolões está esta coisa, desafio para a Economia Solidária.

**Suraima Martinez - Venezuela** – Na Venezuela tem política de estado para as mulheres em condições de pobreza, as mulheres tem possibilidade através de cooperativas, atividades econômicas associativas e assistência técnica. Coisa interessante as unidades econômicas associativas. O governo assumiu propostas de organização da participação como política de estado, relação definida entre estado e sociedade.

**Iraci – RJ** – A Economia Solidária envolve tudo, educação, saúde e comunicação. Temos Fórum organizado, temos grupos de trabalho de educação, cadeias produtivas e comunicação. A insatisfação do professor Paul Singer que não está conseguindo articular com ministérios precisa ser trabalhada. Explique como será colocado este projeto para o ministério?

## **Considerações Finais da Mesa:**

**Romeu Lemos – Rede de Gestores** – No município ou no estado política assistencialista não é Economia Solidária porque não apóia a autonomia e a autogestão, da mesma forma ONG sem relação com os movimentos também não é. Temos uma rede de gestores para dialogar. Agradeço este espaço e parabenizo todas as falas. Devemos ser puros como uma pomba, mas por dentro uma serpente.

**Inácio – Argentina** – Existem cooperativas tão exploradoras quanto as cooperativas capitalistas. Cooperativa é figura política. As cooperativas recuperaram uma empresa que estava sendo conduzida por uma cooperativa, isto me preocupa. Se não construirmos todos os dias um movimento consciente e ideal de solidariedade interna, a cooperativa pode se transformar em qualquer empresa capitalista. Necessita de organização para que as cooperativas possam comercializar seus produtos. Na universidade de La Plata existe uma cátedra de economia social. Nós os atores que direcionamos a Economia Solidária no planeta podemos construir outro país no mundo, somos um setor muito forte, nossos produtos são aproveitados pelo mercado capitalista tradicional. Precisamos construir relações de intercâmbio, outra política, conquistar o que chamamos de estado.

**Dione Manetti – Senaes** -A esquerda tem tradição de organizar a sua luta em função da disponibilidade do poder político, não é só no Brasil. A Economia Solidária é o tema da disputa do poder político, não mudamos a sociedade só com o poder do estado, precisamos cavar outras trincheiras. Disputa do poder político junto ao poder econômico. Grupos organizados da Economia Solidária participam do orçamento participativo. É um sonho que a Economia Solidária vai resolver todos os problemas do mundo. Esta é uma trincheira central, mas é uma delas. Quando da criação da Senaes muitos achavam que deveria ser um ministério, mas no momento o que precisávamos era uma secretaria. O Ministério do Trabalho hoje participa do debate do desenvolvimento do país. A criação do Ministério da Economia Solidária foi uma fala do Senador Aloísio Mercadante, o futuro vai nos dizer se é necessário. Agradeço pela participação de vocês neste momento dentre todos que já tivemos. A Economia Solidária é o exercício concreto de uma expectativa de que outro mundo é possível.

**Lenivaldo Lima – PE** – Em nome do Fórum Brasileiro de Economia Solidária e redes agradecemos a participação de todos.

**Luigi Verardo – Anteag** – Informo o lançamento do livro Teorias e Experiências de Políticas Públicas que tenta resgatar experiências no Brasil a partir da Economia Solidária. Importante a universidade contribuir na construção de um documento que registra a memória das experiências.

**Dione Manetti – Senaes** -Quero registrar o trabalho da Rede de Gestores. Escrever e botar no papel sempre ajuda a mostrar o que tem sido feito e o que está acumulado.

**Romeu Lemos – Rede de Gestores** – Quero parabenizar na Rede de Gestores Ângela, Alzira e todos os municípios que participaram e também a Catende. Este livro é um manifesto político que vai subsidiar o FBES para contribuir na construção da Economia Solidária no Brasil.

**Luigi Verardo - Anteag** – Faz o encerramento do seminário.